## <u>Balada das dez bailarinas do cassino</u> Cecília Meireles

Enviado por:

Publicado em: 18/06/2008 12:20:00

Balada das dez bailarinas do cassino

Dez bailarinas deslizam por um chão de espelho. Têm corpos egípcios com placas douradas, pálpebras azuis e dedos vermelhos. Levantam véus brancos, de ingênuos aromas, e dobram amarelos joelhos.

Andam as dez bailarinas sem voz, em redor das mesas. Há mãos sobre facas, dentes sobre flores e com os charutos toldam as luzes acesas. Entre a música e a dança escorre uma sedosa escada de vileza.

As dez bailarinas avançam como gafanhotos perdidos.
Avançam, recuam, na sala compacta, empurrando olhares e arranhando o ruído.
Tão nuas se sentem que já vão cobertas de imaginários, chorosos vestidos.

A dez bailarinas escondem nos cílios verdes as pupilas. Em seus quadris fosforescentes, passa uma faixa de morte tranqüila. Como quem leva para a terra um filho morto, levam seu próprio corpo, que baila e cintila.

Os homens gordos olham com um tédio enorme as dez bailarinas tão frias. Pobres serpentes sem luxúria, que são crianças, durante o dia. Dez anjos anêmicos, de axilas profundas, Vão perpassando como dez múmias, as bailarinas fatigadas.
Ramo de nardos inclinando flores azuis, brancas, verdes, douradas.
Dez mães chorariam, se vissem as bailarinas de mãos dadas.

(in Mar Absoluto e outros poemas: Retrato Natural. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1983.)

fonte: jornal da poesia

embalsamados de melancolia.